



# As viagens do tambor: Conhecimento da cultura Africana e Afro-brasileira dentro dos territórios negros de Porto Alegre

---

Débora Lopes Alves Duarte: Universidade Federal Rio Grande do Sul- UFRGS;  
e-mail: deboralduarte1824@gmail.com

---

## Resumo

O presente artigo é composto de um trabalho realizado numa escola estadual do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Trabalho desenvolvido com uma turma de 5º ano do ensino fundamental, o qual teve como objetivo a identificação e conhecimento dos Territórios Negros de Porto Alegre, pois alguns alunos, mesmo morando na cidade, não tinham conhecimento da história desses locais de território negros, um museu de percurso em céu aberto bem no centro da cidade demonstra toda esta trajetória histórica. Perante estes percursos também fomos ampliando a aprendizagem pela

cultura Africana e Afro-brasileira, seus símbolos e características significativas que representa o negro dentro da sociedade. Saindo das leituras dos livros didáticos de História e visualizar a história em nossa própria cidade. Uma forma lúdica e curiosa foi desenvolvida como processo de aprendizagem dos alunos para o conhecimento de uma trajetória marcada culturalmente, por lutas, direitos, reconhecimento, costumes, ancestralidade e respeito por uma sociedade negra. A partir de um jogo de tabuleiro e o mistério do sumiço do tambor, monumento africano de uma praça central da cidade de Porto Alegre. Monumento este que marcado pelo início do percurso do museu território negros, começa todo o desenvolvimento da aprendizagem da história Africana e Afro-brasileira. Nesta metodologia lúdica do jogo se proporciona uma aprendizagem significativa de identidade negra, locais, personagens e vivências mostrada no jogo que valoriza e reconhece a história do negro, dentro da cidade de Porto Alegre.

**Palavras chaves:** Territórios Negros. Cultura Africana. Afro-brasileira.

### Resumen

El presente artículo se compone de un trabajo realizado en una escuela pública de la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Trabajo desarrollado con una clase de 5º grado de la escuela primaria, que tuvo como objetivo identificar y comprender los Territorios Negros de Porto Alegre, ya que algunos estudiantes, incluso viviendo en la ciudad, desconocían la historia de estos territorios negros, una ruta de museo al aire libre. en pleno centro de la ciudad demuestra toda esta trayectoria histórica. En vista de estos caminos, también hemos ido ampliando el aprendizaje a través de la cultura africana y afrobrasileña, sus símbolos y características significativas que representan a los negros dentro de la sociedad. Salir de las lecturas de los libros de texto de historia y visualizar la historia en nuestra propia ciudad. Se desarrolló una vía lúdica y curiosa como proceso de aprendizaje para que los estudiantes conozcan una trayectoria culturalmente marcada por las luchas, los derechos, el reconocimiento, las costumbres, la ascendencia y el respeto a una sociedad negra. A partir de un juego de mesa y el misterio de la desaparición del tambor, un monumento africano en una céntrica plaza de la ciudad de Porto Alegre. Este monumento, que marcó el inicio del camino del museo del territorio negro, inicia todo el desarrollo del aprendizaje de la historia africana y afrobrasileña. Esta metodología lúdica del juego proporciona un aprendizaje significativo de la identidad negra, lugares, personajes y experiencias mostradas en el juego que valora y reconoce la historia del pueblo negro, dentro de la ciudad de Porto Alegre.

**Palabras clave:** Territorios Negros. Cultura Africana. afrobrasileño.

### Introdução

**T**erritórios Negros em Porto Alegre do período colonial até a contemporaneidade múltiplas são as marcas que confirmam e afirmam a inscrição física e simbólica da população negra no espaço urbano de Porto Alegre. Os negros se fizeram presentes seja por meio do trabalho, do exercício da religiosidade, das rodas de samba e de capoeira, dos carnavais, das ligas de futebol, das associações e clubes negros.

Um território está associado a características comuns internas relacionadas a um ou mais tipos de uso, que concretizam e refletem os objetivos do grupo para aquele território. A partir disso, pode-se dizer que todo território impõe-se por um limite e seu interior. No caso dos territórios negros, eles se concretizam a partir dos usos ou das práticas sociais e/ou culturais ali realizadas, que o caracterizam, definem e delimitam. Neste contexto, tais práticas são o que chamamos de

territorialidades. Quando associadas à presença negra e a elementos da cultura negra, são chamadas de territorialidades negras – como, por exemplo, rodas de samba, carnaval, batuques, saraus de poesia negra, etc. Os limites territoriais moldam, internamente, comportamentos e atividades a serem desenvolvidos naquele território.

O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. Portanto a territorialidade negra provém dos percursos construídos e vivenciados pelos africanos e seus descendentes.

Neste contexto surge o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre que é um projeto da cidade, buscando visibilizar a comunidade afro-brasileira com a construção de obras de arte em espaços públicos da cidade. O desenvolvimento partiu das reivindicações da comunidade negra local, onde sua falta de representatividade no patrimônio cultural remete à invisibilidade social desta parcela da população. O projeto estabelece visualização e fruição de espaços marcantes para a etnia negra do ponto de vista da memória, da identidade e da cidadania, gerando percursos através da construção de obras públicas que referendam a passagem dos ancestrais por lugares territorializados pela comunidade negra na cidade de Porto Alegre.

Portanto, cabe também às instituições educacionais e seus docentes oportunizar ambientes escolares que contemplem, acolham e integrem as diversidades culturais, sociais e políticas da sociedade brasileira. Uma forma de realizar esses objetivos é estimular as crianças e jovens a conhecerem sua história e também a do outro, respeitando suas peculiaridades, tirando o máximo de proveito das contribuições culturais, das várias etnias e infâncias que existem no contexto da diversidade social e econômica do país. Tudo isso pode ser observado a partir do jogo, que é tanto da condição humana quanto da história de cada lugar.

As Viagens do Tambor é um jogo pedagógico para uso em sala de aula que faz parte de um conjunto de materiais pedagógicos desenvolvidos no Programa de Extensão Universitária Laboratório de Ensino de História e Educação: Territórios Negros: patrimônios afro-brasileiros em Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trata-se de um jogo de tabuleiro que apresenta um percurso na cidade de Porto Alegre e que evidencia, aos (às) professores (as) e aos (às) estudantes, marcas da presença e pertencimento negro na cidade. Portanto foi desenvolvido a partir do jogo atividades que estão relacionadas a cultura africana, costumes, vocabulários e personagens que marcam ou marcaram esta história.

Com o jogo temos o objetivo de identificar e conhecer a cultura Africana; conhecer os Territórios Negros em Porto Alegre, conhecer a história dos negros no RS.

## Desenvolvimento

Como professora da Escola de Ensino Médio Professor Alcides Cunha, situada no Morro Santana, na rua Hélio Pimpão 52, zona norte de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Apresento o trabalho desenvolvido com a turma de 5º ano do ensino fundamental, turma esta composta por 18 alunos, entre eles 5 alunos negros, 12 pardos e 3 brancos. Devido a nossa escola estar situada aos pés do Morro Santana, nossa clientela é da comunidade em volta, tanto do Morro Santana, como Vila Mário Quintana e redondezas, nossa comunidade é carente, de classe baixa a média.

Iniciar este tema com a turma foi de grande satisfação, onde já de início os alunos demonstraram interesse abrindo muitos questionamentos e curiosidade pela cultura Africana.

A partir do jogo “As Viagens do Tambor”, foi desenvolvido um projeto com atividades que está relacionada à cultura africana, demonstrando

assim suas histórias, costumes, vocabulários e personagens que marcaram esta história. Os objetivos deste trabalho se referem, na identificação e conhecimento da cultura Africana; identificar os tipos de tambores e a significância deles na cultura africana; reconhecer os territórios negros em Porto Alegre.

O trabalho iniciou com a exploração do tema a partir do livro infantil: "Batidas, de Okan" de Rosane Castro, narrativa que fala de Ijó é um menino curioso, que gosta de ouvir histórias, de tocar tambor e dançar.

A cultura dos tambores é a história de um povo; é um legado de sonhos, dores, tristezas e alegrias que são representados através de manifestações cujas origens estão na vivência e resistência do povo africano nas Américas; do povo negro e seus descendentes.

Todos os povos têm os seus instrumentos para poderem expressar sua musicalidade. Desde os tambores que serviam para passar avisos simples a longas distâncias até os mais complexos instrumentos de uma orquestra moderna, existe uma enorme gama de equipamentos capazes de emitir sons que podem nos passar sentimentos os mais diversos.

Estudar a História e Cultura Afro-Brasileira, conforme a Lei nº 10.639/03 preconiza, incluindo a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional econômica e políticas pertinentes à História do Brasil, é uma forma de desconstruir preconceitos sobre este povo. É superar os "conhecimentos" do senso comum e adquirir conhecimentos científicos, que a maioria da população só tem acesso através da escola. Para tanto, se faz necessário, a inclusão do tema da diversidade étnico-racial em todos os planejamentos de todas as áreas, etapas e séries. Voltando a Gomes (2008), trata-se de uma mudança conceitual, epistemológica e política, de questionar representações e estereótipos sobre a

África, os africanos e os negros brasileiros, assim como a história da colonização e da escravização dos negros no Brasil. Para a autora "a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente." (GOMES, 2008, p. 527). Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais: É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. É preciso ter clareza que o Artigo 26-A acrescido à Lei nº 9.394/ 96 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (BRASIL, 2004).

A literatura como prática de implementação da Lei Federal 10.639/03, permitiu constatar que por meio de variadas linguagens é possível romper com atitudes que levem à formação de preconceitos e ideias prévias negativas relacionadas a identidades e culturas. A partir da narração deste conto, Batidas de Okan, foi possível vivenciar e integrar diferentes linguagens permeadas por experiências relacionadas com o escrever, cantar, batucar, interpretar e criar. A intervenção coletiva no espaço ganhou conexões e dimensões importantes sobre trabalho com as relações étnico-raciais. Em grupo, as crianças expressaram seus próprios pontos de vista em relação ao outro, aproximam-se de culturas diferentes da sua, perto ou distantes.

Ao trazer artefatos para as brincadeiras, a diversidade é imbricada nas diversas linguagens como

na organização do próprio espaço. Eis o encontro e reencontro com pertencimentos, histórias, culturais e ancestralidades. Essas representações e significados do espaço estão estritamente relacionadas a uma educação anti racistas.

Quando pensamos na cultura africana, de um modo geral, o que nos vem à mente são as danças e os tambores que utilizam para acompanhar seus cantos. Contudo, você sabia que, mais do que embalar cantos e danças, os tambores africanos servem como um meio de comunicação? Assim, os tambores, além de servirem para os rituais africanos, podem transmitir a identidade de uma linguagem falada. Com isso os alunos pesquisaram sobre a história do tambor na cultura africana e confeccionaram seus tambores de material reciclável. Nesta mesma proposta de pesquisar foi solicitado aos alunos buscar informações dos territórios negros e confeccionar uma maquete, território escolhido por eles.

Entretanto, trabalhar sobre os territórios antes de apresentar o jogo, ficou mais acessível à identificação e compreensão, por onde o tambor obteria suas vivências. As Viagens do Tambor apresenta uma perspectiva afirmativa das histórias dos (as) negros (as) em Porto Alegre. Ao longo do percurso do jogo são evocadas: Trajetórias de pessoas negras em diferentes períodos históricos (Giba-Giba, Iara Deodoro, Lupicínio Rodrigues, Mestra Griô Elaine, Mãe Rita, Mestre Borel, Nilo Feijó, Oliveira Silveira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Príncipe Custódio e Vó Chica) e histórias de lugares construídos e vivenciados pela população negra na cidade de Porto Alegre.

Entretanto os locais são divididos em dez territórios negros na cidade, iniciando pelo Mercado Público, que acolhe a todos através da espiritualidade de matriz africana e afro-brasileira. Construído por trabalhadores negros, livres ou escravizados, foi inaugurado em 1869 e, desde então, é considerado um local sagrado. No centro de sua construção há um assentamento religioso dedicado ao Orixá Bará, aquele que possibilita a

abertura de caminhos.

Largo das Quitadeiras (atual Praça da Alfândega), espaço marcado, no século XVIII, como um lugar de convivência da cidade com as quitadeiras, mulheres negras, livres ou escravizadas de ganho, que circulavam vendendo doces e outros alimentos. Na praça, atualmente, há o monumento artístico da Pegada Africana, o segundo marco do Museu de Percurso do Negro. A igreja do Rosário também está localizada na rua Vigário José Inácio, no coração do centro da cidade, essa igreja foi construída no século XIX a partir da iniciativa da Irmandade do Rosário, uma irmandade católica atuante no movimento abolicionista em Porto Alegre e demais cidades brasileiras, compostas por homens e mulheres negros, escravizados e libertos.

Parque da Redenção, antigo campo de várzea, o Parque da Redenção recebeu esse nome no ano de 1894, quando ocorreu a libertação de escravizados na cidade de Porto Alegre. No século XIX, o espaço se caracterizou como um local de socialização e entre homens e mulheres negros escravizados. Logo após tem a Colônia Africana, territorial onde muitas famílias negras construíram suas histórias, especialmente a partir do século XIX, quando edificaram moradias e espaços cotidianos de socialização. Com a especulação imobiliária e os movimentos de higienização da cidade, tais famílias foram expulsas para outros locais. Atualmente, a região é conhecida pelo nome de bairros como Bom Fim, Rio Branco, Mont Serrat e Três Figueiras. O percurso continua pela Ilhota, território onde hoje está o Teatro Renascença e o Ginásio Tesourinha. Formava uma espécie de ilha onde o Arroio Dilúvio ainda corria antes de ser canalizado e desviado. Ali, famílias negras viviam em espaços comunitários, guardados na memória dos mais antigos como espaço de samba, de futebol e dos blocos de carnaval de rua. Em meados de 1960, novos processos de especulação imobiliária ocorreram na cidade e fizeram com que os moradores da região fossem dali expulsos e destinados, em sua maioria, para o bairro

Restinga, bairro da zona sul de Porto Alegre, nascido na década de 1960. Seus primeiros moradores foram famílias negras removidas de suas moradias na Ilhota, que enfrentavam as dificuldades de habitar um bairro recém-criado e muito distanciado do centro. Muito unidos e organizados entre si, os moradores da Restinga foram os grandes responsáveis pelo seu desenvolvimento. A Restinga é, atualmente, um dos maiores bairros da cidade em termos populacionais e territoriais.

Também tem o bairro Rubem Berta, situado na zona norte da capital Porto Alegre. É o bairro mais populoso da cidade, conhecido pelo histórico movimento de luta pela moradia do final dos anos 1980, quando ocorreram movimentos de ocupação de conjuntos habitacionais da região. Nele acontecem vários movimentos artísticos e culturais organizados pela juventude negra, como batalhas de rap e a prática da grafiteagem.

Maria da Conceição de acordo com a tradição popular, na região do bairro Maria da Conceição paira o espírito de uma mulher que, após sofrer o crime hediondo da degola, ganhou uma capela em sua homenagem e se tornou a santa Maria da Conceição, protetora da região. Na comunidade, há a forte presença da tradição e da cultura popular negra. A escola de samba Academia de Samba Puro é uma das escolas mais tradicionais do carnaval porto-alegrense. E termina com o Quilombo do Areal, localizado no bairro Cidade Baixa, constitui-se como um território negro habitado por uma comunidade de aproximadamente 80 famílias. Remanescentes de quilombolas, os moradores de lá perpetuam sua história através de muita luta e de festividades com o carnaval.

A escolha das práticas culturais procurou seguir o critério da relação com a cidade de Porto Alegre, sem o objetivo de abordar a cultura afro-brasileira como algo homogêneo. O Sopapo Poético, por exemplo, é uma atividade que nasce na cidade. Por outro lado, ainda que o Carnaval, a capoeira e as rodas de samba ocorram em diversos lugares

do Brasil, a vivência dessas práticas pelas pessoas negras porto-alegrenses apresenta suas especificidades. A Batalha de Hip-Hop, por sua vez, dialoga com as culturas juvenis e com as culturas das periferias da cidade. A Festa de Batuque é uma celebração religiosa praticada nos muitos terreiros de Porto Alegre e remete à ancestralidade africana.

Quatro pontos foram escolhidos para sediar os marcos esculturais do Museu: Praça da Alfândega, antigo Largo da Quitanda, onde ficavam as Quitandeiras com quitutes e balaies de frutas, o Cais do Porto onde se desenvolvia uma intensa atividade de trabalho dos escravos e rota de fuga, o Pelourinho, em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, local de suplicamento dos negros, principalmente através das chibatadas e, finalmente o Largo da Força, onde foi inaugurado o Tambor. Outros lugares receberam mosaicos em forma de painéis, contando um pouco da história do negro em Porto Alegre.

“O Tambor” – Lugar onde começa a caminhada. O monumento marca o local que no início da colonização da Capital era chamado de Largo da Força, por ser onde se enforcavam escravizados acusados de roubo ou furto. (Praça Brigadeiro Sampaio, no início da rua dos Andradas, próximo ao Museu do Trabalho). Átrio da Igreja das Dores - O Pelourinho, lugar de punição de escravizados, ficava em frente à igreja. Segundo a lenda, um escravo condenado à morte por roubo, rogou uma praga: a construção da igreja se arrastaria pelo tempo. Monumento "Pegada Africana" - Praça da Alfândega, monumento "Bará do Mercado" - Mercado Público - Ponto para conhecer um pouco mais sobre as religiões de matriz africana. Monumento "Painel Afrobrasileiro" - Largo Glênio Peres, autoria de Pelópidas Thebano. Portanto iniciei mostrando os objetos que compõem o jogo, como o tabuleiro com seus territórios, as cartas, personagem, locais, e vivências, após esta conversa em roda e a exploração dos objetos do jogo. Fiz a leitura da Carta inicial, que conta o desaparecimento do tambor

(Monumento da praça Brigadeiro Sampaio, situada no centro de Porto Alegre), embaralhei as cartas e retirei as três cartas para colocar no envelope, que são um personagem, uma vivência que o tambor realizaria e o território que ele está. O jogo é relacionado ao jogo Detetive, pois o mistério todo está em desvendar, com qual personagem, vivência e territorial está o tambor que sumiu. Nesta perspectiva vamos conhecendo a história dos personagens, territórios negros de Porto Alegre e as vivências da cultura negra.

O jogo As Viagens do Tambor constitui-se como um material educativo de caráter lúdico desenvolvido para proporcionar aos (às) estudantes, professores (as) e demais cidadãos que façam o seu uso, o conhecimento e a imersão na temática da territorialidade negra em Porto Alegre, que expressa uma relação direta com o cotidiano da cidade e, também, com os alunos e alunas da escola básica. A partir dele, muitos terão a oportunidade de se conhecer e reconhecer, de traçar seus próprios percursos e, assim, vivenciar as territorialidades negras a partir da própria sala de aula.

A noção de territórios negros aqui utilizada provém de um pensamento da Prof<sup>a</sup>. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, que, não por acaso, também é uma das personagens do jogo. Ela elabora uma noção de “mundo africano” (2010, p.12) como espaço físico e simbólico, habitado e significado por mulheres e homens negros. A chave para a concepção de território negro provém dessa articulação entre espaço físico e simbólico, cuja construção de significados estejam relacionados à efetiva presença de mulheres e homens negros e suas práticas culturais, ou seja, suas territorialidades. Assim, nossos territórios negros são espaços físicos e simbólicos. São espaços físicos – de moradia, trabalho, lazer ou religiosidade – que se caracterizam pela grande concentração de pessoas negras. E são espaços simbólicos, repletos de sentidos e significados relacionados às práticas ali existentes, que remetem a uma ancestralidade negra, a uma

memória negra, a um modo de ser e estar negro.

Os Territórios Negros Urbanos em Porto Alegre foi um trajeto pensado para revisitar espaços de presença, importância e história dos negros africanos e seus descendentes; dentro da evocação do patrimônio afro-brasileiro a lembrança dos prédios históricos que ainda resistem no centro da cidade, em sua maioria, foi construída pelo “trabalho compulsório dos africanos e seus descendentes” (BITTENCOURT, 2010). O Jogo foi uma ferramenta que chamou a atenção dos alunos, o qual toda sua aprendizagem informativa, da pesquisa e estudo dos territórios negros de Porto Alegre, vivências e personagem, tivessem no momento do jogo criado vida. Nesta gratificação onde o ensino e a aprendizagem se relacionam, dando significativa histórica, cultural e ancestralidade do povo negro que foi resistente em suas lutas. Com isso, desenvolvemos nos educandos um novo olhar a identidade negra, que fica perdida nos livros didáticos de História às vezes de uma realidade fora do contexto deles. Trazendo entretanto conscientização da trajetória do negro, dentro da popularidade vividas por muitos deles em locais da cidade de Porto Alegre, é torna os educandos também pertencente de uma história e cultura.

O desenvolvimento do trabalho realizado pela turma teve seus objetivos alcançados, o qual os alunos aprenderam a identificar os locais reconhecido como território negro no centro da cidade, conhecendo a história dos negros e trajeto que por eles antes era percorrido, pois quando iam ao centro da cidade e nem se davam conta da riqueza cultural de cada lugar. Como o famoso parque da Redenção, ponto turístico até da cidade e muito frequentado.

Assim sendo, pensando a escola como importante espaço na formação dos indivíduos, na transmissão dos saberes e valores sociais e, diante da necessidade de rompimento com as barreiras que impedem o desenvolvimento de práticas educacionais que promovam a difusão da cultura



Jogo Viagem do Tambor



Tabuleiro do jogo



Jogando o jogo com os alunos

afro-brasileira e africana na escola, somos estimulados a buscar novos caminhos e novas possibilidades para a construção de práticas educacionais antirracistas. A Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003) e a mais recente Lei Federal 11.645/08 (Brasil, 2008) tem o objetivo de promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro, a lei representa um avanço. Assim a partir da ludicidade, literatura, música, brincadeiras, e das mais variadas formas de linguagens e contextos comunicativos, como núcleo estruturador e estruturante das ações pedagógicas com

crianças, objetivamos ensinar visões, fomentar reflexões de ações práticas multiculturais possíveis como a que apresentamos.

### Conclusão

Concluindo o trabalho e a atividade lúdica do jogo que contribuiu também para o Projeto da Consciência Negro que a turma já estava desenvolvendo em dois meses. Neste projeto a turma estudou as Mulheres Negras na História do Brasil, cultura Africana e suas histórias, portanto foi de grande importância, para despertar interesse e

curiosidade de aprender mais sobre este assunto. A identidade negra foi tendo reconhecimento e significância aos educandos, principalmente aos alunos negros que estavam identificando sua cultura e ancestralidade.

Neste contexto foi surgindo histórias familiares, religiosidade, costumes das famílias dos alunos. Entretanto a conclusão de todo estudo ficou significativa, onde eles conseguiram visualizar a história de luta, preconceito, discriminação, direitos, reconhecimento e respeito pelos territórios negros de sua própria cidade. Agora entendiam o contexto histórico de um bairro que por alguns alunos também foi moradia de seus familiares.

Espero assim, como professor de educação básica, contribuir de forma contínua, por meio da prática educativa, uma aprendizagem significativa. Demonstrando a importância histórica dos negros em todas as sociedades, seus costumes, vivências que fazem parte também da população porto-alegrense. É papel do professor formar sujeitos capazes de lidar com a diversidade

existente, indivíduos plurais, respeitosos que tenham como base os valores da conduta ética na construção de suas vidas e com o outro. A escola deve incluir no currículo essa questão como forma de levar o aluno a entender o outro, suas especificidades, cultura, diferenças, reconhecendo todos como cidadãos portadores de igualdade.

Reconhecer-se em uma identidade supõe estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Somos sujeitos de identidades transitórias, e como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente num movimento que envolve múltiplas variáveis. Geralmente este processo se inicia na família e vai se modificando a partir de outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural, do olhar de um grupo étnico-racial ou sujeitos que pertencem a um mesmo grupo, sobre si mesmos a partir da relação com o outro, dentro um território negro, seja quilombola ou urbano que ainda apresenta seus costumes ancestrais, que fazem parte até hoje da sociedade brasileira. ◀

## Referências Bibliográficas

- ANJOS, Rafael S. A. dos. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.
- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. **Territorialidade Negra Urbana: evocação de presença, da resistência cultural, política e da memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos**. In: POSSAMAI, Zita Rosane. (Org.). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p.129-160.
- Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de história e cultura Afro-brasileira e africana. Brasília, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005a. (Coleção Educação para Todos)
- RAFFESTIN, Claude. **O que é o território?** In: \_\_\_\_\_. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 2011. p. 128-146.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da Diferença**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009
- ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009. p. 75 – 90.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 711p.
- SANTOS, Irene (Coord.) *et al.* **Colonos e Quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre**. Porto Alegre: do autor, 2010.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Colonos e Quilombolas, todos negros!** In: SANTOS, Irene (Coord.) *et al.* *Colonos e Quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre*. Porto Alegre: do autor, 2010.